

## O Espaço Segregado da Mulher na Cadeia Produtiva da Pesca

Leni B. C. Collares<sup>1</sup>

---

**Resumo:** A proposta deste artigo é apresentar um relato sobre uma pesquisa que teve como meta a observação e análise da participação das mulheres no âmbito da atividade produtiva na Colônia de Pesca Z3, localizada às margens da Lagoa dos Patos no município de Pelotas

**Palavras-chave:** cadeia produtiva; pesca; gênero.

---

### Introdução

A proposta deste artigo é apresentar um relato sobre uma pesquisa que teve como meta a observação e análise da participação das mulheres no âmbito da atividade produtiva na Colônia de Pesca Z3, localizada às margens da Lagoa dos Patos no município de Pelotas. Distanto 25 Km da cidade, a área abriga a atividade de extração e também serve de espaço para firmas de processamento e comercialização do pescado. O isolamento espacial e a existência das demais atividades próprias à cadeia produtiva da pesca trazem implicações na distribuição da população, bem como, inferem no peso e na composição que adquirem os diferentes segmentos sociais em sua inclusão nos processos produtivos.

Inicialmente, os conceitos propostos fixavam o recorte de gênero segundo a inserção laboral ao longo da cadeia produtiva. No transcorrer da pesquisa tornou-se manifesta a necessidade de conjugar o tema “família” para dar conta das realidades que iam

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia e Professora da Escola de Serviço Social da UCPEL.

se desvelando à nossa observação. Isso porque os dados evidenciavam a heterogeneidade ocupacional, presente na população que compõe a Z3, relacionada à posição e às possibilidades das mulheres quer estivessem em famílias que ainda se mantinham na pesca quer fora dessa atividade. Assim, a família, enquanto categoria analítica, tornou-se o eixo que permitiu a leitura das condições de existência da população e da dinâmica das relações sociais que incidem sobre as mulheres frente ao mercado de trabalho. Entendemos que, no vínculo com os processos socioeconômicos, a família compõe uma unidade de renda e consumo capaz de desenvolver estratégias que maximizam os esforços de todos os seus membros (Draibe, 1994, p.113).

A atividade pesqueira local encontra-se fortemente contingenciada pela escassez de pescado há quase uma década, o que torna relevante a percepção do modo como os indivíduos equacionam suas existências frente à dissolução de uma atividade tradicional. Nessa dimensão, entendemos que a saída das mulheres para o mercado de trabalho responde por fatores internos e externos à família. Em outros termos, a atividade produtiva das mulheres tanto depende das necessidades de composição da renda familiar quanto das possibilidades e constrangimentos existentes no mercado de trabalho.

As clivagens presentes no mercado de trabalho ao longo da cadeia produtiva da pesca foram interpretadas através do conceito de divisão sexual do trabalho que abrange o modo como os atributos do masculino e feminino são usados para determinar o conteúdo das tarefas e a posição ocupada por cada indivíduo, legitimando estratificações entre os trabalhadores (Silva, 1997, p. 61-2).

A articulação entre capitalismo e patriarcalismo no âmbito da indústria, e a reprodução dessa relação na família e na sociedade, é apontada por diferentes autores (Silva, 2000, p.259, Liedke, apud Abreu,1993, p. 131), e responde por estratégias empresariais de controle e precarização da força de trabalho das mulheres, reforçando a discriminação.

O estudo sobre a comunidade pesqueira da Z3 nos levou também a considerar a dimensão produtiva da pesca no seu aspecto conceitual e na relação com o mercado de trabalho.

O artesanato é visto por Hobsbawn (1975, p.110) como baseado substancialmente não no enriquecimento e no valor de troca em si, mas como fonte de subsistência e reprodução do homem enquanto artesão, embora não negue que ocorra no processo a produção destinada à troca. Três características definem a produção artesanal executada pelos produtores familiares: é sempre subordinada ao consumo, a oferta é subordinada à procura e sua expansão é lenta. Trata-se de uma produção vinculada às relações de produção dominantes, já que sob o capitalismo, a troca, como tal, pressupõe a apropriação do trabalho alheio (sem troca), a separação do trabalho e da propriedade de suas condições objetivas de produção. Assim, entende-se por pescadores artesanais aqueles indivíduos que têm na pesca sua atividade econômica principal, dela dependendo para manter sua reprodução social.

A pesca artesanal e o processamento do pescado em grande parte das unidades produtivas não se apresentam dentro do segmento organizado da produção capitalista em Pelotas, embora a ele se subordine. Segundo Pochmam (1999, P.65-6), o segmento organizado da economia inclui “os postos de trabalho mais homogêneos, gerados por empresas tipicamente capitalistas, fundamentalmente os empregos regulares assalariados”. Já o segmento não organizado compreende as formas de ocupações mais heterogêneas, cuja organização não assume características tipicamente capitalistas e se incluem “de forma dependente e subordinada à dinâmica capitalista” (op. cit.).

A dimensão da inserção ocupacional foi observada a partir do conceito População em Idade Ativa (PIA) que comporta a população com 10 anos e mais. A População Economicamente Ativa (PEA) é a parcela da PIA que está ocupada ou desempregada. O índice de desemprego levou em consideração apenas a população economicamente ativa (isto é, em idade ativa e no mercado de trabalho).

Para análise da inserção ocupacional dividimos as ocupações em: ocupações relacionadas à pesca e ocupações não relacionadas. Foram consideradas **atividades relacionadas à pesca** tanto o exercício direto da pescaria como aquelas atividades que a ela se relacionam indiretamente tais como: a feitura e o remendo de redes de pesca e o trabalho exercido nas salgas e indústrias de pescado. As demais ocupações foram consideradas **não relacionadas**.

Foram aplicados 130 questionários padronizados válidos nos domicílios da Colônia. A base de dados foi complementada com entrevistas semi-diretivas junto: à lideranças da Colônia (2 entrevistas); às mulheres da comunidade (4 entrevistas); a jovens (2 entrevistas); a diretores das empresas processadoras de pescados (2 entrevistas); aos proprietários de pequenas empresas de processamento e comercialização de pescados denominados salgueiros (6 entrevistas), totalizando 16 entrevistas em profundidade. Os questionários foram respondidos pelos chefes de família ou cônjuges. No aspecto “gênero” obtivemos: 20 entrevistas realizadas com homens (chefes de família) e 109 entrevistas feitas com mulheres (em geral na posição de cônjuge), o que foi significativo para os propósitos da pesquisa.

## **2. O contexto da pesca: impasses e vulnerabilidades**

A pesca é realizada em Pelotas sob a forma artesanal, sendo feitas as capturas dos peixes tanto na Lagoa dos Patos quanto em alto-mar, próxima à barra de Rio Grande.

A produção pesqueira local que tem nas safras do camarão, da tainha e da corvina sua fonte de manutenção, tem sofrido decréscimos nos últimas décadas, tendo despencado de cerca de 40 000 toneladas em 1970, para cerca de 7 000 toneladas em 2001, mantendo-se próxima a esse patamar até a atualidade, comprometendo as condições de sobrevivência dos pescadores e de suas famílias.

Diferentes razões são apontadas pelas agências governamentais para explicar a atual redução dos estoques pesqueiros na

última década: o fato de que navios de grande porte (brasileiros e de outros países) capturam as espécies na costa e no entorno da Barra, impedindo que os peixes possam adentrar à Lagoa e completar seu ciclo de maturação; a pesca indiscriminada com o uso de redes de malha miúda comprometendo a vegetação que serve de alimento para os peixes que habitam e procriam na Lagoa; o esforço de pesca que ocorre durante as safras, quando cerca de 5000 pescadores de Santa Catarina se deslocam para esta região (principalmente na safra de camarão).

O esgotamento do pescado que caracteriza o momento atual, resultado das políticas neoliberais de abertura e desregulamentação do mercado brasileiro ao permitir a pesca industrial na Costa, aprofundou e potencializou uma “crise” que já se anunciava nas décadas anteriores. As ações estatais, destinadas a elevar a produtividade e incrementar a indústria pesqueira durante os anos 70, priorizaram o segmento capitalista industrial voltado para o mercado externo, através de fortes incentivos fiscais que por um lado estimularam o uso intensivo dos recursos naturais da Lagoa e, por outro, mantiveram os pescadores como fornecedores de mão-de-obra e de insumos baratos para a indústria. (Diegues, 1995, p.139).

É necessário considerar ainda que a pesca artesanal é feita em pequena escala, sendo que, na Z3, oito pescadores (19,04%) entre os 42 pescadores que possuem embarcações, são donos de barcos com capacidade acima de 6 toneladas, os restantes possuem embarcações de menor porte. As bateras, adequadas apenas para a pesca do camarão, representam 20,83% do conjunto das embarcações em atividade. Diferenciam-se em proprietários dos meios de produção (embarcações e equipamentos de pesca) chamados patrões de pesca e proeiros que trabalham em regime de parceria (sem vínculo empregatício). A distribuição dos ganhos é feita na seguinte proporção: cabe ao proprietário da embarcação 50% do total, dividindo-se a outra metade entre os proeiros, após a dedução das despesas de custeio da pescaria e reposição dos equipamentos.

Sendo a produção feita em pequena escala com dependência dos ciclos produtivos e, especialmente, na condição em que a reprodução das espécies já não ocorre de forma satisfatória para a captura, tem-se a descapitalização do setor, historicamente comprimido pela subordinação aos salgueiros e à indústria. Denominam-se salgueiros aqueles indivíduos que atuam na qualidade de processadores de peixes e intermediários na comercialização, donos de pequenos empreendimentos na beira da Lagoa.

As relações entre os salgueiros e os proprietários de embarcações incluem adiantamentos em dinheiro durante a entressafra, ou mesmo, nas saídas para a pescaria, e o financiamento da compra de alimentos, gelo e óleo, pelo qual recebem em troca a exclusividade sobre o pescado, adquirindo-o por preços aviltados.

A diminuição do pescado tem como contrapartida mudanças substanciais no modo de vida e inserção produtiva da população da Colônia de Pescadores Z3 conforme veremos a seguir.

### 3. Famílias e ocupações no âmbito da Colônia Z3

#### 3.1 Distribuição da população e mercado de trabalho

Em relação à população estudada, esta se apresenta distribuída segundo a posição na família e sexo da seguinte forma:

**Tabela 1 - Distribuição dos moradores da Colônia Z3 segundo o sexo e a posição na família em 2003 de acordo com a amostra**

Posição \ sexo	Homem		Mulher		Total	
	Freq.	Percent.	Freq.	Percent.	Freq.	Percent.
Chefe	111	45,31%	19	7,82%	130	26,64%
Conjuge	3	1,22%	113	46,50%	116	23,77%
Filho(a)	107	43,67%	80	32,92%	187	38,32%
Outro parentesco	24	9,80%	25	10,29%	49	10,04%
Agregado	-	-	6	2,47%	6	1,23%
<b>Total</b>	<b>245</b>	<b>100,00%</b>	<b>243</b>	<b>100,00%</b>	<b>488</b>	<b>100,00%</b>

A pesquisa mostra que o universo da pesca conformou uma estrutura familiar composta de famílias nucleares estáveis, organizadas em torno da figura masculina. Há um número restrito de famílias encabeçadas por mulheres, de 14,62%, predominando entre elas, aposentadas e pensionista (cf. Quadro N° 3 e tabela N° 2).

Dos 130 domicílios entrevistados constatou-se que: em 66 domicílios os chefes de família estão relacionados à pesca (50,77%); em 29 domicílios, os chefes de família exercem atividades não relacionadas (22,31%); em 3 domicílios, os chefes de família declararam-se desempregados (2,31%) e, nos 32 domicílios restantes as famílias são chefiadas por aposentados ou pensionistas (24,61%).

Os índices de atividade da população são os seguintes:

**Tabela 2. População Economicamente Ativa por sexo e faixa etária**

Faixa Etária	Ocupados						Desocupados						Total	
	H		M		Total		H		M		Total			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
de 10 a 14 anos	2	1,4	-	-	2	1,1	-	-	-	-	-	-	2	0,7
de 15 a 19 anos	9	6,5	3	6,0	12	8,4	8	36,4	10	17,5	18	22,8	30	11,2
de 20 a 24 anos	16	11,6	4	8,0	20	10,6	6	27,3	14	24,6	20	25,3	40	15,0
de 25 a 29 anos	18	13,0	7	14,0	25	13,3	3	13,6	8	14,0	11	13,9	36	13,5
de 30 a 34 anos	19	13,8	4	8,0	23	12,2	2	9,1	6	10,5	8	10,1	31	11,6
de 35 a 40 anos	18	13,0	7	14,0	25	13,3	1	4,5	4	7,0	5	6,3	30	11,2
de 40 a 44 anos	13	9,4	7	14,0	20	10,6	2	9,1	4	7,0	6	7,6	26	9,7
de 45 a 49 anos	16	11,6	9	18,0	25	13,3	-	-	5	8,8	5	6,3	30	11,2
de 50 a 54 anos	13	9,4	5	10,0	18	9,6	-	-	4	7,0	4	5,1	22	8,2
de 55 a 59 anos	12	8,7	4	8,0	16	8,5	-	-	2	3,5	2	2,5	18	6,7
60 anos e mais	2	1,4	-	-	2	1,1	-	-	-	-	-	-	2	0,7
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>	<b>188</b>	<b>100%</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>	<b>57</b>	<b>100%</b>	<b>79</b>	<b>100%</b>	<b>267</b>	<b>100%</b>

A População em Idade Ativa é de 442 pessoas e a Não Ativa de 44 pessoas. A PEA totaliza 267 pessoas ou 60,41% do conjunto da População em Idade Ativa.

A população ocupada é de 188 pessoas ou 70,41% da PEA. Entre os ocupados, 51,68% são homens e 18,73% são mulheres.

Entre os ocupados que possuem de 10 a 24 anos de idade, a participação masculina é de 14,36% contra 3,72% de participação feminina; na faixa de idade compreendida entre 25 a 39 anos,

os homens aparecem em 29,25% contra 9,57% das mulheres, enquanto entre os que possuem 40 anos e mais os homens respondem por 29,79% e as mulheres aumentam sua participação para 13,30%.

A incorporação das mulheres ao mercado de trabalho depende da combinação de diferentes fatores relacionados não só ao mercado como também à vida familiar (Bruschini, 2000, p.17). Assim, a presença acrescida de mulheres com mais idade entre as ocupadas se explica pela relação entre a vida produtiva das mulheres e sua vida reprodutiva, na necessidade de articular papéis familiares (execução de tarefas domésticas e socialização dos filhos) com os papéis profissionais (idem). Além disso, também é necessário considerar a demanda do mercado por trabalhadoras em idades mais elevadas, como se observa pelos índices de desemprego para as mulheres relativamente à faixa etária em que estão situadas.

No que se refere à população desempregada, observa-se que predominam mulheres jovens em busca de emprego, 30,38% contra 17,72% de homens em idade até 24 anos; entre 25 e 39 anos, as mulheres aparecem em 22,78% contra 7,59% dos homens; acima dos 40 anos, 19,00% das mulheres buscam emprego contra 2,53% dos homens. Os dados mostram que o desemprego é um fenômeno que atinge com mais intensidade as mulheres, embora se apresente alto para os jovens do sexo masculino, reduzindo-se substancialmente para os homens adultos, o que indica que os homens encontram na pesca uma saída para o desemprego, mantendo-se ocupados mesmo que de forma intermitente.

A busca por saídas para as difíceis condições da pesca tem sido variadas. Aqueles que se mantêm diretamente na pesca organizaram-se e obtiveram o seguro-desemprego, minorando as condições de dificuldades durante o período do “defeso”. Denomina-se defeso o período que se estende entre junho e setembro quando é proibida a pesca de algumas espécies na Lagoa para que ocorra a reprodução. Por outro lado, também tem ocorrido o



afastamento de parte considerável dos chefes de famílias da atividade pesqueira, conforme nos mostra o quadro a seguir:

### Quadro 1. Distribuição da População Economicamente Ativa (PEA) por ocupação segundo a posição na família e sexo.

Ocupação	Membros da Família que Exercem Atividade Remunerada										Total	
	Chefe		Cônjuge		Filho(a)		Outros Parentes		Agregados			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
Atividades não relacionadas com a pesca	Faxineira	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	Empregada Doméstica	-	-	-	4	-	4	-	-	-	1	9
	Atendente Armaz. Farm., Açougue	-	-	-	-	3	2	-	-	1	1	7
	Costureira	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2
	Ronda de firma	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Marceneiro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Pedreiro	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	4
	Empacotador	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Comerciante	4	3	-	5	-	-	-	-	-	-	12
	Soldador	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	Policial Militar	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Operador de Máquina	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
	Químico Farmacêutico	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	Pintor	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	Funcionário Público e Sindical	6	-	-	3	-	-	-	-	-	-	9
	Tratorista Granja	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	Serviços Gerais Firms	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3
	Artesão	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	Feirante	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2
	Coletivos	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4
Cabeleireira	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
Jardineiro	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	4	
<b>Sub-total</b>	<b>26</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>22</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>71</b>	
Atividades relacionadas com a pesca	Patrão Pesca	30	-	-	-	5	-	-	-	-	35	
	Proeiro	25	-	-	1	25	-	3	-	2	56	
	Trabalhador(a) Salgas	3	3	-	9	1	1	-	-	-	17	
	Faz e Remenda Redes de Pesca	4	-	-	-	3	1	-	-	-	8	
	Salgueiro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
<b>Sub-total</b>	<b>63</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>10</b>	<b>34</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>2</b>	<b>-</b>	<b>117</b>	
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>6</b>	<b>-</b>	<b>32</b>	<b>42</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>188</b>	

Nota: (-) Dado numérico igual a zero (0) não resultante de arredondamento

As ocupações não relacionadas à pesca representam 37,77% do conjunto da amostra, enquanto as atividades relacionadas respondem por 62,33%. Entre as atividades não relacionadas à pesca os homens participam em 50,70%, e as mulheres em 49,30%.

Nas atividades não relacionadas à pesca, as mulheres concentram-se na prestação de serviços, comércio e emprego doméstico. No momento da pesquisa somente quatro mulheres declararam estar nos Coletivos de Trabalho. Os Coletivos são grupos de trabalhadores implementados pelo governo do Município, com recursos do Estado, que serviram tanto para amenizar o desemprego, quanto para a limpeza e conservação da área da Z3. Atualmente os Coletivos estão desativados por falta de recursos, o que fragiliza ainda mais as famílias, na medida em que chegaram a ocupar até 150 trabalhadores da Colônia de Pesca.

O elevado número de comerciantes na área da Colônia deve-se predominantemente aos salgueiros que implantaram casas comerciais (farmácias, padarias, ferragem, bares) para seus familiares (entregues a filhos e esposas). Essa realidade gera maior canalização de recursos da comunidade para os salgueiros, o que amplia os contrastes sociais e os laços de dependência entre esse segmento e os pescadores.

Nas ocupações relacionadas à pesca, os homens participam em 87,18% e as mulheres em 12,82%. A distribuição da população que tem atividades relacionadas à pesca é a seguinte: atuam como patrões de pesca 29,91%; como proeiros, 47,86%; na feitura e remendo de redes 6,84% e como trabalhadores (as) nas salgarias e indústrias do pescado, 14,53% .

Entre os trabalhadores nas salgarias e indústrias de pescado, os homens participam em 23,53% e as mulheres em 76,47%, configurando esse espaço de trabalho como predominantemente feminino.

Quanto à posição dos indivíduos na família e sua inserção ocupacional, verifica-se que na posição de cônjuge trabalham fora do lar 17,02% e, nesta, 11,70 estão em atividades não relacionadas à pesca e 5,32%, em atividades relacionadas.

Os filhos(as) correspondem a 26,59% da população ocupada. Predominam os filhos homens que respondem por 84% do total dos homens e mulheres nessa posição, sobressaindo-se entre eles a atividade de proeiro.

Somente uma mulher exerce a atividade de proeiro em toda a Colônia. O reduzido número de mulheres trabalhando nas salgas tem como explicação o fato de a pesquisa ter sido realizada ao longo do mês de janeiro de 2003, momento em que a safra do camarão foi frustrada por alterações climáticas, o que impediu a sua reprodução diminuindo, por conseguinte, a atividade nas salgas e indústrias processadoras.

Quanto ao local onde as mulheres exercem suas ocupações remuneradas, constatou-se que 65,71% delas trabalham no espaço da Colônia e 34,29% atuam na cidade de Pelotas.

Também é importante assinalar a presença de um elevado número de aposentados e pensionistas entre a população da Colônia Z3, tal como mostra a tabela abaixo:

## **Quadro 2. Distribuição dos inativos por aposentadoria ou pensão segundo a posição na família e sexo.**

Inativos por	Membros da Família que recebem Aposentadoria ou Pensão										
	Chefe		Cônjuge		Filho(a)		Outro Parente		Agregado		Total
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
Aposentado(a)	23	7	-	9	-	-	2	3	1	-	45
Pensionista	-	3	-	2	-	1	1	1	-	-	8
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>10</b>	<b>-</b>	<b>11</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>-</b>	<b>53</b>

Somando-se o número de famílias cujos chefes são aposentados ou pensionistas (33 no total) com o número de famílias cujos chefes estão em atividade fora da pesca (29 no total), tem-se que, em 47,69% dos 130 domicílios entrevistados os ganhos

que sustentam ou garantem a subsistência familiar já não são provenientes da pesca ou das atividades relacionadas a ela.

Correlacionando-se o número de famílias que dependem totalmente da aposentadoria ou pensão segundo o tamanho da família tem-se o seguinte quadro:

**Quadro 3. Número e famílias que dependem totalmente da aposentadoria ou pensão segundo o tamanho da família**

Tamanho da Família	Tamanho da Família	Tamanho da Família
1 Pessoa	1	1
2 Pessoas	11	22
3 Pessoas	5	15
4 Pessoas	2	8
5 Pessoas	1	5
6 Pessoas	2	12
7 Pessoas	1	7
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>70</b>

Verifica-se que 70 pessoas, ou 16,17% do total da população, dependem totalmente da aposentadoria ou pensão de um dos membros da família.

A escassez prolongada do pescado tem afetado de forma significativa a composição da população residente na Colônia de Pesca Z3. Além da diversificação ocupacional de parte dos chefes de famílias que abandonaram a pesca, há um elevado número de aposentados e pensionistas, o que permite afirmar que a Colônia não pode mais ser caracterizada como uma área exclusivamente de pescadores;

A tabela a seguir mostra a distribuição dos salários e remunerações em geral segundo o sexo e posição na família:

#### Quadro 4. Renda mensal em salários mínimos segundo o sexo e posição na família

Posição na Família	Rendimento Mensal														Total
	- 1 SM		1 a 2 SM		2 a 3 SM		3 a 4 SM		4 a 5 SM		5 a 7 SM		+ de 7 SM		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	
Chefe	5	-	84	15	12	-	5	1	2	-	-	1	3	-	128
%	2,0	-	34,7	6,2	4,9	-	2,0	0,4	0,8	-	-	0,4	1,2	-	52,9
Cônjuge	-	3	-	36	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	43
%	-	1,2	-	14,9	-	1,6	-	-	-	-	-	-	-	-	17,8
Filho	8	4	27	7	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	51
%	3,3	1,6	11,2	2,8	2,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,1
Outro Parente	-	-	7	4	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	13
%	-	-	2,8	1,6	-	0,4	-	-	0,4	-	-	-	-	-	5,37
Agregado	-	-	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
%	-	-	1,6	1,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,89
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>7</b>	<b>122</b>	<b>65</b>	<b>17</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>-</b>	<b>242</b>
<b>%</b>	<b>5,3</b>	<b>2,8</b>	<b>50,4</b>	<b>26,9</b>	<b>7,0</b>	<b>2,0</b>	<b>2,0</b>	<b>0,4</b>	<b>1,2</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>0,4</b>	<b>1,2</b>	<b>-</b>	<b>100</b>

Note-se que a população economicamente ativa concentra-se na faixa entre 1,00 a 2,00 salários mínimos (77,27%), o que mostra tanto os baixos rendimentos auferidos com a pesca, como o fato de tratar-se de uma população que, ao sair dela, se desloca para atividades onde os ganhos do trabalho são baixos. Mesmo o segmento masculino que auferia rendimentos acima de 3,00 salários mínimos é reduzido (7,81%), o que indica que a pesca não concentra ganhos elevados para quem a exerce diretamente.

A leitura dos rendimentos por posição na família permite observar que 52,89% dos ingressos familiares são representados pelos chefes de família. Preponderam os rendimentos situados entre um e dois salários mínimos (34,71% para os homens e 6,20% para as mulheres que estão nessa posição, totalizando 40,91%); acima de três salários mínimos, os rendimentos dos homens representam 4,14% contra 0,82% das mulheres que chefiavam famílias.

Destaca-se que os rendimentos auferidos pelos indivíduos na posição de filhos (homens e mulheres) representam 21,07% contra 17,77% dos ingressos representados pelas mulheres na posição de cônjuge, o que mostra que a contribuição do trabalho dos filhos é significativa para a manutenção da família. Também é entre os filhos que se apresentam os índices mais elevados dos que recebem menos de um salário mínimo, 4,95% no total, seguidos dos chefes de família homens com 2,06% e de 1,24% das mulheres na posição de cônjuge, que em conjunto somam 8,26% dos que trabalham e estão situados nessa faixa de renda.

Se as condições da má safra assemelham os ganhos não apresentando diferenças substanciais em relação aos homens e mulheres da comunidade, o mesmo não se pode afirmar na safra, quando os proprietários de embarcações e também os proeiros elevam os seus ganhos. A mesma condição não se verifica com as mulheres ou com aqueles que exercem atividades fora da pesca.

Ao se considerar a inserção ocupacional, a escolaridade é um fator relevante para dar conta das diferenças entre os segmentos sociais e suas possibilidades no mercado de trabalho.

Com relação à escolarização e sua distribuição segundo a idade, sexo e a posição na ocupação, a leitura da tabela abaixo permite uma melhor visualização das condições da população da Colônia.

**Tabela 3. Escolarização segundo a idade, sexo e posição na ocupação**

Ocupação	Fase Estágio		101-25						26-50						51-90						91 Anos ou mais						Total Geral									
	Sexo	Escolaridade	H		M		T		H		M		T		H		M		T		H		M		T		H		M		T					
			N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%				
Ocupados na Ordem de Precedência	Feminino	Até 4 anos de estudo	12	15,4	-	-	-	-	-	9	14,8	-	-	9	7,3	12	14,8	4	4,0	16	8,9	21	9,3	4	1,9	25	5,7	-	-	-	-	-	-			
			8	10,3	-	-	8	5,8	15	24,6	1	0,8	10	12,9	0	0	22	27,2	6	6,1	28	15,8	43	18,0	9	4,2	52	11,8	-	-	-	-	-			
			2	2,6	3	3,8	5	3,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
			22	28,2	3	3,8	5	3,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
			Sub Total	22	28,2	3	3,8	5	3,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Desocupados	Feminino	Até 4 anos de estudo	2	2,6	-	-	2	1,4	10	16,4	0	0	7,3	19	15,3	6	7,4	3	3,0	9	5,0	18	8,0	12	5,6	30	6,8	-	-	-	-	-	-	-		
			1	1,3	2	3,3	3	2,2	8	13,1	4	3,2	12	9,7	5	6,2	5	5,1	10	5,6	14	6,2	11	5,1	25	5,7	-	-	-	-	-	-	-	-		
			2	2,6	2	3,3	4	2,9	5	8,2	2	1,6	7	5,6	-	-	3	3,0	3	1,7	7	3,1	7	3,2	14	3,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
			5	6,4	4	6,7	9	6,5	23	37,8	16	12,9	3	2,4	12	14,8	11	11,1	29	12,8	40	17,7	31	14,4	71	16,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
			Sub Total	10	12,8	9	10,9	13,8	10,0	2	3,3	3	2,4	12	9,7	8	11,1	40	40,4	40	27,2	21	9,3	52	24,1	73	16,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Desempregados	Feminino	Até 4 anos de estudo	3	3,8	6	10,0	0	0,5	2	3,3	1	0,8	1	0,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
			1	1,3	-	-	1	0,7	-	-	1	0,8	24	19,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
			37	47,4	29	46,3	88	47,8	5	8,2	19	15,3	2	1,6	24	20,6	81	81,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
			3	3,8	7	11,7	10	7,2	2	3,3	4	3,2	6	4,8	2	2,5	11	11,1	13	7,2	7	3,1	22	10,2	29	6,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
			Sub Total	44	56,3	46	74,3	103	56,3	7	10,0	12	9,7	27	22,9	29	29,9	111	111,1	40	27,2	21	9,3	52	24,1	73	16,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Desempregados	Masculino	Até 4 anos de estudo	7	8,0	7	11,7	14	10,1	2	3,3	7	5,6	0	7,3	-	-	4	4,0	4	2,2	9	4,0	16	8,3	27	6,1	-	-	-	-	-	-	-	-		
			4	5,1	10	16,7	14	10,1	-	-	7	5,6	7	5,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
			14	17,9	24	40,0	38	27,5	6	9,0	18	14,5	24	19,4	2	2,5	15	15,2	17	9,4	22	9,7	57	26,4	79	17,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
			78	100%	80	100%	138	100%	67	100%	57	100%	124	100%	81	100%	69	100%	180	100%	226	100%	216	100%	442	100%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
			Total Geral	78	100%	80	100%	138	100%	67	100%	57	100%	124	100%	81	100%	69	100%	180	100%	226	100%	216	100%	442	100%	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Constata-se que 12,44% da população é analfabeta e, destes, 7,69% são homens e 4,75% são mulheres.

O maior número de analfabetos está entre os inativos (6,10%), seguidos dos ocupados na pesca (5,66). Também é entre os inativos que se concentra o mais elevado percentual de população com até 4 anos de estudo (16,52%).

Entre os ocupados, a pesca atrai a maior quantidade de indivíduos com até 4 anos de estudo, 11,76% contra 6,79% dos que estão ocupados fora da pesca. Esse fato se explica na medida em que a pesca artesanal exige conhecimentos que são repassados no cotidiano das tarefas, contemplando, enquanto ocupação remunerada, pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade. Também deve-se notar que os homens ingressavam muito cedo na pesca o que os levava a abandonar os estudos. Essa realidade já não se verifica, estando o Sindicato de Pescadores atento para restringir o trabalho infantil na Colônia.

Entre os desempregados, o índice dos que possuem até 4 anos de estudo é ligeiramente mais elevado do que até 8 anos de estudo: 6,56% e 6,11% respectivamente. É entre a população desempregada que se apresenta o maior número de pessoas na faixa de até 11 anos de estudo, 4,75%, seguidos de 3,17% que estão ocupados fora da pesca e de 1,13% dos que estão na pesca e em atividades relacionadas.

Comparando-se os dados de escolarização segundo os anos de estudo e o sexo, observa-se que as mulheres respondem por 51,63% da população que possui até 4 anos de estudo contra 48,37% dos homens (diferença de 3,26%); em até 8 anos de estudo, as mulheres aparecem em 42,86% contra 57,14% dos homens (diferença de 14,28%), enquanto em até 11 anos de estudo, os homens representam 41,51% e as mulheres 58,49% (diferença de 3,25% pró-mulheres).

Comparativamente aos homens, as mulheres se situam nas duas pontas da população: a de maior e menor escolaridade. A explicação dessa realidade é possível fazendo-se a leitura por condição na ocupação para o segmento feminino. O maior percentual de mulheres com até 4 anos de estudo sobre o conjunto



da população está entre os inativos, 11,76%, seguido de 4,98% das que estão desempregadas e de 4,75% das que estão ocupadas.

Em até 8 anos de estudo, as inativas correspondem a 7,01% da população, contra 4,07% das que estão desempregadas e 3,17% das que estão ocupadas. Já os dados relativos ao segmento feminino que possui até 11 anos de estudo mostram que 3,85% estão entre as desempregadas, seguidas de 2,26% das ocupadas e de 1,81% de inativas.

Esses dados indicam a concomitância de fenômenos múltiplos: a presença de relações tradicionais, nas quais os cuidados com os filhos e o lar são tidos como os principais papéis a serem desempenhados pelas mulheres, restringindo a busca de maior escolaridade para o segmento feminino e, por outro, a existência de grupos que se situam fora desse padrão restritivo quanto aos papéis sexuais e, que, dado o alto índice de desemprego feminino, a busca por maior escolarização é vista como condição para a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

### **3.2 Arranjos familiares e diversidades estratégicas**

Os arranjos familiares usados para fazer frente às dificuldades conduzem à estratégias que se relacionam ao modo de inserção nas atividades produtivas e à posição dos indivíduos na família.

Há diferenças quanto à busca por empregos entre as mulheres na posição de cônjuge cujos maridos (companheiros) estejam ou não situados na pesca.

**Quadro 5. Cônjuge onde o chefe de família está na pesca ou em atividade relacionada.**

Faixa Etária	Trabalha fora do lar	Não trabalha fora do lar	Está procurando emprego	Chefe de família é proprietário de embarcação	Chefe de família é posseiro	Chefe de família faz redes	Chefe de família trabalha na salgas	Chefe de família é salgueiro
De 15 a 19 anos	-	-	-	-	-	-	-	-
De 20 a 24 anos	-	7	2	3	4	-	-	-
De 25 a 29 anos	2	4	2	3	3	-	-	-
De 30 a 34 anos	3	6	3	2	6	1	-	-
De 35 a 39 anos	2	1	-	2	-	-	1	-
De 40 a 44 anos	4	7	1	5	4	1	1	-
De 45 a 49 anos	5	8	4	7	5	-	-	1
De 50 a 54 anos	3	4	1	5	2	-	-	-
De 55 a 60 anos	3	3	-	3	1	1	1	-
60 anos e mais	-	1	-	-	-	1	-	-
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>41</b>	<b>13</b>	<b>30</b>	<b>25</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>1</b>

**Quadro 6. Cônjuge onde o chefe de família está em atividade não relacionada à pesca.**

<b>Faixa Etária</b>	<b>Trabalha fora do lar</b>	<b>Não trabalha fora do lar</b>	<b>Está procurando emprego</b>	<b>Chefe de família é proprietário de embarcação</b>	<b>Chefe de família é posseiro</b>	<b>Chefe de família faz redes</b>	<b>Chefe de família trabalha na salgas</b>	<b>Chefe de família é salgueiro</b>
De 15 a 19 anos	-	-	-	-	-	-	-	-
De 20 a 24 anos	-	7	2	3	4	-	-	-
De 25 a 29 anos	2	4	2	3	3	-	-	-
De 30 a 34 anos	3	6	3	2	6	1	-	-
De 35 a 39 anos	2	1	-	2	-	-	1	-
De 40 a 44 anos	4	7	1	5	4	1	1	-
De 45 a 49 anos	5	8	4	7	5	-	-	1
De 50 a 54 anos	3	4	1	5	2	-	-	-
De 55 a 60 anos	3	3	-	3	1	1	1	-
60 anos e mais	-	1	-	-	-	1	-	-
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>41</b>	<b>13</b>	<b>30</b>	<b>25</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>1</b>

Na posição de cônjuge onde o chefe de família tem sua atividade na pesca ou relacionada a ela, trabalham fora do lar 34,92% das mulheres contra 42,31% das mulheres cujo chefe de família está incluído em outras atividades. A procura por emprego é 10,14% mais elevada entre as mulheres cujos chefes de famílias estão em ocupações fora da pesca ( 20,63% para as mulheres de pescadores, proeiros e outras atividades na pesca, contra 30,77% para as que não são).

Como hipótese, é possível pensar que a atividade da pesca ao garantir o seguro-desemprego confere às famílias alguma garantia, o mesmo não ocorre nas outras atividades onde há maior rotatividade de mão-de-obra e maior precarização do trabalho.

Por outro lado, correlacionando-se o tamanho da família com o número de membros que possuem ocupações remuneradas, também se observam diferenças substantivas quanto aos arranjos familiares frente ao mercado de trabalho.

**QUADRO 7. Tamanho da família e número de membros que auferem rendimentos: famílias cujo chefe de família está ocupado na pesca e nas atividades relacionadas**

Tamanho da Família	N.º de Famílias		N.º de membros da família que auferem rendimentos										
			1 membro		2 membros		3 membros		4 membros		5 membros		
1 membro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2 membros	6	8,7%	2	2,9%	4	5,8%	-	-	-	-	-	-	-
3 membros	17	24,6%	7	10,1%	8	11,5%	2	2,9%	-	-	-	-	-
4 membros	21	30,4%	11	15,9%	6	8,7%	3	4,3%	2	2,9%	-	-	-
5 membros	19	23,1%	4	5,8%	10	14,4%	2	2,9%	3	4,3%	-	-	-
6 membros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7 membros	2	2,9%	-	-	2	2,9%	-	-	-	-	-	-	-
8 membros	2	2,9%	-	-	-	-	1	1,5%	-	-	1	1,5%	-
9 membros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10 membros	2	2,9%	-	-	-	-	1	1,5	1	1,5%	-	-	-
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>34,7 %</b>	<b>28</b>	<b>43,3</b>	<b>9</b>	<b>13,1%</b>	<b>6</b>	<b>8,7%</b>	<b>1</b>	<b>1,5</b>	<b>-</b>

**QUADRO Nº 8. Tamanho da família e número de membros que auferem rendimentos: famílias cujo chefe está ocupado em atividades não relacionadas à pesca**

Tamanho da Família	N.º de Famílias		N.º de membros da família que auferem rendimentos							
			1 membro		2 membros		3 membros		4 membros	
1 membro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2 membros	6	23,08%	3	11,54%	3	11,54%	-	-	-	-
3 membros	5	19,23%	4	15,38%	1	3,85%	-	-	-	-
4 membros	5	19,23%	3	11,54%	2	7,69%	-	-	-	-
5 membros	5	19,23%	4	15,38%	-	-	1	3,85%	-	-
6 membros	3	11,54%	1	3,85%	2	7,69%	-	-	-	-
7 membros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8 membros	1	3,85%	-	-	1	3,85%	-	-	-	-
9 membros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10 membros	1	3,85%	-	-	-	-	1	3,85%	-	-
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100%</b>	<b>15</b>	<b>57,70%</b>	<b>9</b>	<b>34,62</b>	<b>2</b>	<b>7,69</b>	-	-

A pesca ocupa maior número de membros da família. Enquanto nas famílias que estão fora da pesca, 57,69% delas possuem apenas um membro que exerce atividade remunerada, nas famílias que estão envolvidas com a pesca, 53,62% possuem de dois a três membros que auferem ganhos.

O fato de que mais membros da família de pescadores trabalhem não deve ocultar sua vulnerabilidade, na medida em que a escassez de pescado dificulta a subsistência.

Na Colônia, somente 36,53% possuem o seguro-desemprego. A não inclusão de grande parte dos que pescam ao seguro tem como principal explicação o fato de que 53,57% dos pescadores não terem requisitado a documentação, apontando o custo das taxas sindicais como impedimento, seguidos de 39,28% dos que atuam como pescadores há menos de três anos – tempo mínimo de exercício da atividade exigido para a habilitação ao seguro. O fato de já serem aposentados é explicado por 3,59% dos pescadores seguidos dos que possuem carteira assinada em atividades fora da pesca (3,55%) e atuam na pesca complementando seus ganhos.

A par da escassez do pescado, a ausência de condições para a comercialização direta junto aos consumidores na cidade obriga 91,67% dos que pescam a venderem seus produtos para os salgueiros, contra apenas apenas 6,06% dos que conseguem vender seus produtos diretamente na cidade e de 3,03% que possuem postos de vendas na Colônia. A descapitalização dos pescadores impede saídas individuais para a comercialização direta e, até o momento, alternativas coletivas como um ponto de armazenamento e de venda cooperativada na própria Colônia, embora apontada por algumas lideranças, esbarra na ausência de recursos financeiros para a sua efetivação.

As famílias que estão na pesca são grupos especializados quanto à inserção econômica cuja dependência das condições ambientais (clima, pescado) e das condições sociais (ausência de capital, exploração das salgas) as situam de forma fragilizada no mercado, impedindo que parte delas possam prover de forma satisfatória suas condições de reprodução social. A ausência do seguro-desemprego as torna mais vulneráveis especialmente nos períodos de entressafra, levando os chefes de família a buscar alternativas fora da pesca artesanal, entre elas, o assalariamento durante algum tempo nas embarcações que fazem a pesca industrial na Barra. Nessas famílias, a inclusão dos filhos homens (ou de outros parentes) à atividade da pesca, tanto denota a necessidade em somar esforços para prover o grupo familiar, quanto o fato de que, ao disporem da mão-de-obra dos filhos, podem dispensar em parte o trabalho remunerado das mulheres (principalmente daquelas na posição de cônjuge). Já para as famílias que estão fora da pesca, os constrangimentos do mercado pesam com mais intensidade. A falta de empregos para os jovens impede que esses possam complementar a renda familiar, gerando em contrapartida, a necessidade maior das mulheres (cônjuges) em buscar trabalho remunerado.

Os arranjos familiares destinados a compensar as dificuldades advindas da pesca ou da precariedade das ocupações dos chefes de família se diferenciam conforme a inserção ocupacional destes. Em geral, nas famílias que estão fora da pesca a im-

pulsão para o mercado de trabalho ocorre principalmente para as mulheres (cônjuges) enquanto nas famílias que estão na pesca, essa condição recai sobre os filhos, principalmente sobre os filhos homens, que vão atuar como proeiros.

### 3.3 Condição feminina na família e ocupações

A pesquisa procurou estabelecer a permanência ou não nas ocupações fora do lar e as principais dificuldades que as mulheres encontram para trabalhar fora. Ao serem perguntadas se já trabalharam fora do lar, 36,90% responderam que trabalham às vezes, contra 35,72% das que sempre trabalharam “fora” e 27,38% das que nunca haviam trabalhado.

Entre as que trabalham às vezes fora do lar, verificou-se que nos dois últimos anos 26,19% das mulheres haviam trabalhado no programa de emprego da Prefeitura Municipal implantado na Colônia e denominado Coletivos de trabalho, seguidas das que se ocuparam nas salgas (19,05%), como diaristas em casas de família (16,67%), em fazer e costurar redes (14,28%), como safristas em outras indústrias alimentícias (11,90%), domésticas (9,52%) e na limpeza de peixes no mercado de Pelotas (2,38%).

Quanto as dificuldades que as mulheres encontram para trabalhar fora do lar, o alto custo dos transportes coletivos para a cidade é apontado por 62,79% das mulheres como a razão principal para o desemprego feminino, seguido de 25,58% das que consideram a falta de creche para seus filhos pequenos como a razão principal, e de 11,62% que apontam outras causas, tais como: a falta de experiência para o trabalho (4,65%), falta de escolarização (4,65%), ou que não souberam responder (2,32%).

Os dados permitem verificar que a atividade ocupacional é fluida para 36,90% das mulheres, fato que está relacionado tanto à oferta de empregos sazonais em Pelotas, quanto à condição feminina na família e ocupação. A inserção das mulheres da Colônia de Pesca Z3, especialmente daquelas na posição de cônjuge, no mercado de trabalho, além de relacionar-se aos arranjos

domésticos e a possibilidade de manter os filhos pequenos sob cuidados, também possui especificidades relativas à conexão da Colônia com o meio urbano. Note-se que o trabalho nas salgas, nos coletivos e fazer redes ocupam 59,53% das mulheres que trabalham às vezes fora do lar; enquanto o trabalho no mercado, como diaristas ou safristas em outras empresas alimentícias e, ainda, o trabalho como doméstica (todos realizados fora da Colônia) ocupa 40,47% das mulheres. Esses dados evidenciam que as mulheres ao procurarem trabalho fora do lar dão preferência ao trabalho próximo às suas residências, tanto em virtude da presença dos filhos pequenos e da ausência de creches, como pelo fato de o custo das passagens de ônibus pesar no orçamento doméstico.

A questão dos transportes da Colônia Z3 para a cidade de Pelotas (alto custo das passagens) apresenta-se ainda como um aspecto sensível na busca pelo emprego, na medida em que essas trabalhadoras devem competir com as demais que residem na cidade de Pelotas e que sua empregabilidade implica um custo maior para as empresas e demais empregadores situados fora da Colônia, o que restringe sobremaneira as condições de acesso aos empregos ofertados na cidade.

Embora a questão central esteja na precariedade das ocupações e na vulnerabilidade da população frente à atividade principal, a pesca, deve ser assinalado que essa população está inserida no processo de “urbanização” de forma restringida, obstaculizada (fato que se revelou ao longo da pesquisa). A Z3 se configura como uma área que já não está restrita à atividade de extração, cuja população se ubica ao meio urbano (parte ponderável dela), com mais dificuldades e a um preço mais alto que os moradores da cidade.

Essa condição apresenta como resultado o fato de que as mulheres da Colônia Z3 ficam subordinadas principalmente às vagas existentes nas salgas e indústria processadora de pescado na própria localidade. Os postos de trabalho na Z3 apresentam limites quantitativos (baixo número de postos de trabalho ofertados para mulheres e jovens) e qualitativos (pouca remuneração e



dependentes das safras), enquanto a saída para a cidade implica em obstáculos, principalmente para as mulheres, em função dos preços dos transportes e da ausência de creches para os filhos pequenos.

#### **4. A ocupação nas indústrias de processamento e a segregação feminina**

No segmento formal da economia pelotense encontram-se duas empresas processadoras de pescados, sendo ambas de médio porte. A mais antiga delas (empresa A) tem sua gênese nos anos 60 e atualmente possui um frigorífico no Distrito Industrial e um terminal e posto de compra de pescado na 4ª seção do Porto Velho de Rio Grande.

A produção está assentada primordialmente sobre o peixe congelado inteiro (processo mais rápido), sendo processadas até 80 toneladas ao dia (variando conforme a safra). Também trabalha com o camarão, que é exportado em épocas de “boa” safra ou comercializado no mercado interno quando a safra é pequena.

Até os anos 70 a empresa comprava a pesca vinda diretamente da Lagoa dos Patos e não industrializava. Todo o pescado era preparado para a salga (por falta de um sistema industrial de conservação) e após, o peixe era levado para Rio Grande para ser exportado para o nordeste (principal mercado consumidor à época). A introdução de equipamentos de pesca, de redes poliamidas, de caixas para levar o gelo para o alto mar a fim de preservar a qualidade da pesca era fornecida pela empresa que, em troca, garantia seu acesso ao pescado a baixo preço.

Em 1970, com o início das dificuldades na pesca na Lagoa dos Patos, a empresa começou a direcionar suas atividades para a Barra de Rio Grande. Na barra descarregam os barcos que fazem a pesca artesanal enquanto no terminal ocorre a descarga das traineiras -embarcações de maior envergadura e que fazem a

pesca industrial, geralmente com o uso das redes de arrasto, principal causa do esgotamento da pesca.

À época da pesquisa de campo, a produção estava sendo executada por 77 trabalhadores efetivos, e cerca de 20 trabalhadores temporários, totalizando 97 trabalhadores. O número de trabalhadores usados na produção não é permanente, sendo ampliado ou contraído em função do volume a ser processado. A sazonalidade da produção, relacionada aos produtos “de época”, foi assinalada por Vargas (1995, p.74) como característica das indústrias conserveiras em Pelotas.

A organização do trabalho combina diferentes processos, tendo sido introduzidas apenas mudanças organizacionais no campo do controle de qualidade, em cumprimento às exigências feitas pelo Ministério da Agricultura. As mudanças afetam o cuidado a ser dado com as temperaturas das câmaras frias e túneis onde o produto é congelado e armazenado e se estende também à compra do pescado que deve estar em boas condições, o que significa a exigência de uma captura e conservação adequada na embarcação. As safras possuem um volume imprevisível e o peixe é um produto altamente perecível. É necessário observar os prazos para lavar, classificar e congelar, não podendo ficar muito tempo no gelo e devendo ser salgado ou industrializado rapidamente. Isso denota um problema grave a ser equacionado pelas indústrias: a necessidade de fornecimento regular e constante de pescados.

Os processos de trabalho para peixes inteiros abrangem o uso do separador de gelo, o cilindro de lavagem e a esteira. Para o filé de peixe é acrescentado o uso da mesa na qual as filetadeiras executam tarefas artesanais de corte.

Os processos de trabalho se diferenciam conforme o tipo de pescado. Como exemplo, o tratamento dado à corvina inclui o corte, o ato de bater o peixe para a retirada das espinhas –serviço esse reputado pelas mulheres como o mais cansativo - e a raspagem, complementando o trabalho de escamagem feita pela máquina. Já a pescada é tratada somente como filé; peixes como o anjo que possuem um couro duro exigem uma faca muito afiada

e muita destreza para seu filetagem, enquanto do linguado é necessário tirar o couro. É preciso aprender a retalhar, courear, fazer filé, tirar o couro do bagre; escamar e cortar o filé da traíra e bater as nadadeiras.

Não pode afirmar a faca demais, nem soltar demais. A faca tem que ser quase deitada. Se não souber cortar dá muita 'quebra'. Operária da Empresa A

Além do trabalho com o processamento do pescado, também cabe às mulheres carregar as caixas de 20 quilos de peixes dos caminhões para a mesa de filetagem sempre que não há homens suficientes para essa função, o que ocorre seguidamente.

Nessa tarefa prevalecem as mulheres, quase todas com mais de 30 anos e, segundo os diretores das empresas:

As fileteiras não estão conseguindo renovar essa atividade. As mais moças não se interessam em aprender essa função e não tem pessoal habilitado e não existe fora da empresa uma formação dessa mão de obra. Como é um pessoal que trabalha sistematicamente na empresa, o recrutamento é feito por conhecimento e disponibilidade. Geralmente as mulheres são mais fixas, donas de casa, quase sempre as mesmas. Diretor da Empresa A

Preferimos pessoas mais velhas, mais tranquilas, mais responsáveis, precisam mais do que os outros que têm mais chances. Diretor da Empresa B

Embora a linha de produção se realize por meio do trabalho sazonal (temporário), observa-se que são as mesmas trabalhadoras que têm suas existências contingenciadas por entradas e saídas das mesmas fábricas. Os conhecimentos adquiridos junto ao grupo doméstico (como filhas e mulheres de pescadores) à cerca dos diferentes frutos do mar são atributos imprescindíveis para as empresas, dispensando-as de investimentos em qualifica-

ção da mão-de-obra e permitindo que possam mobilizar as habilidades das mulheres sempre que necessário.

Além de situar a experiência como central para a admissão da trabalhadora, o critério definido como “disponibilidade” tanto inclui a representação da estabilidade emocional atribuída às mulheres casadas e com mais idade, quanto à responsabilidade nas tarefas e redução do absenteísmo. Essas condições vêm revestidas do caráter paternalista da admissão: o emprego como dádiva para mulheres mais velhas que dificilmente seriam admitidas em outras empresas.

As idades mais avançadas das mulheres e o fato de serem casadas têm sido apontada em diferentes estudos (Cunha, 2003, p.289) como critério de recrutamento das trabalhadoras por parte das empresas. Cunha (idem) assinala a importância do serviço executado no lar pelas mulheres, enquanto “um elemento qualificador frente às possibilidades de ter adquirido socialmente habilidades requeridas para a realização do trabalho flexível”. Essas habilidades vinculam-se à polivalência vertical (ibidem, p. 290), atribuindo-se ao mesmo trabalhador múltiplas tarefas de natureza diferenciada que são superpostas e permitem manter um quadro funcional enxuto, destacando-se da polivalência horizontal que inclui a dimensão do trabalho com o uso de maior gama de informações e exigência de mais qualificação para o trabalhador.

O número de mulheres varia, já pela região as pessoas têm conhecimento, na safra de camarão, por exemplo, é trabalho que elas sabem fazer em casa. No filetagem a empresa não mantém nenhum homem nesse trabalho. Nunca trabalham homens para cortar o peixe, é tradição. Os homens trabalham na salga, as mulheres na escalação.  
Diretor da Empresa A

O trato dos diferentes pescados, habilidade requerida para a função, tem no exercício das tarefas domésticas sua gênese embora se deva considerar que a seleção das trabalhadoras não se relaciona somente com os conteúdos e natureza das tarefas, mas

às estratégias patronais do uso mais flexível da força de trabalho feminina (Silva, 200, p.259), o que pressupõe a sujeição à precarização.

Frente à redução dos ganhos em geral, à precariedade também das ocupações masculinas que, no âmbito da família dificultam a manutenção do grupo doméstico, e à escassez de empregos, as mulheres vêm-se pressionadas a aceitar as condições de trabalho que lhes são impostas pelas empresas.

Como trabalhadoras diaristas, o salário é calculado por hora/produção e a produção é medida pelo peso. O pagamento por unidade produzida configura o salário por peça que, segundo Teixeira (1996, p.70) foi analisado por Marx como forma de pagamento típica do século XIX e que alavancava o prolongamento do tempo de trabalho e rebaixamento dos salários. Note-se que as diaristas na empresa chegam a realizar uma jornada de trabalho de até 12 horas, situando-se os ganhos em torno de um salário mínimo.

A esteira deles é toda com água. A gente está fazendo o filé e já está caindo lá embaixo. Quando termina a caixa, que está cheia, ele pesa e marca. A gente tem que fazer muito ligeiro para dar produção. Operária da Empresa A

O cálculo do salário é feito por tarefa e por hora, e as trabalhadoras têm dificuldades em orientar-se sozinhas para controlar seus próprios salários, dado o alto índice de analfabetismo, dependendo umas das outras para fiscalizar seus ganhos. Embora as trabalhadoras já possuam o adestramento necessário para as funções, tal como mostramos, o analfabetismo e a baixa escolarização se apresentam como entraves para o trabalho, o que tem levado a empresa a estimular que freqüentem a escola pública noturna.

A segunda empresa estudada (empresa B), especializada na produção de pescados e derivados, comercializa camarões, siris, pescados especiais, caramujos do mar, lagosta sapateira, ovas de peixes e derivados. Para o mercado brasileiro, a empresa

vende filé de peixe e, especificamente para o Rio Grande do Sul, a casquinha de siri (cerca de 10 toneladas por mês). Trata-se de uma empresa com três anos de mercado, que recebeu incentivos fiscais para sua implantação e que possui instalações e equipamentos que lhe permitem resfriar, congelar por criogenia (uso do nitrogênio líquido), pasteurizar e esterilizar em latas, o que a situa entre as mais modernas do país. Os resíduos (peles, casca e espinhas) são vendidos para a fabricação de ração animal.

A empresa enfrenta dificuldades para aumentar sua produção dada a falta de fornecimento de matéria-prima (escassez da pesca). Atua no mercado com fabricação própria, através de sua marca e também atua como empresa terceirizada, processando pescados para outras indústrias situadas em Bento Gonçalves, Rio Grande e na Argentina. O número de trabalhadores é variável, tendo sido contabilizados à época da investigação 48 trabalhadores efetivos e 50 trabalhadores temporários.

A organização do trabalho também combina diferentes processos, estando a empresa segmentada em um setor externo, responsável pela comercialização e distribuição, e o setor interno que agrega as funções de recepção, classificação, cozimento, extração de carne, filetagem, congelamento, enlatamento, esterilização, rotulagem e montagem de caixas.

As trabalhadoras são divididas em equipes conforme o tipo de pescado a ser processado, sendo depositados os produtos em uma caixa ao lado de cada uma, já que os processos de trabalho não incluem o uso da esteira. As condições de trabalho são definidas como boas no que se refere a maior higiene e menor cansaço, mas as trabalhadoras demonstram desconfiança quanto à correção do pagamento por peso:

A gente pensa que fez 100 quilos e quando vai ver não tem 100 quilos. A gente conta pelas caixas que limpa. Eu estou acostumada porque meu marido é pescador e o peixe do oceano é mais pesado que o peixe da água doce, então, daria certo 100 quilos. E não adianta. A gente vai tra-

balhar e não tem o direito de nada” Operária da Empresa B.

Embora os valores pagos pela empresa por peixe limpo sejam mais altos que os pagos pela empresa A, a desconfiança quanto aos procedimentos, acrescidos da exigência de que as trabalhadoras estendam a jornada de trabalho e, ainda, o fato de que nem sempre recebem o vale-transporte são apontados por algumas mulheres da Z3 como razões para não aceitar o recrutamento pela empresa.

A sub-contratação, característica da reestruturação que se estende ao conjunto da produção na atualidade, encontra nas formas tradicionais de ocupação da mão-de-obra em Pelotas práticas de gerenciamento que, historicamente, se constituem pela precarização, contratação por tarefas ou a tempo parcial e desregulamentação do trabalho (em parte das empresas).

A justaposição de processos produtivos é assinalada por Antunes (2003, p.23) como elemento central do funcionamento do capitalismo brasileiro que visa, sobretudo, combinar a “super-exploração da força de trabalho com padrões produtivos mais avançados”. Em nosso caso, o processamento do pescado, convergem condições de trabalho fortemente precarizadas, avanços tecnológicos pontuais e processos de trabalho que agregam práticas artesanais e pagamento por produção que garantem a produtividade pela elevação do esforço físico do trabalhador.

Na empresa B, a alternativa para suprir os postos de trabalho tem sido o recrutamento da mão-de-obra em Rio Grande, diariamente, através de um capataz. Duas razões são apontadas pelo empresário para isso: porque se torna mais barato fretar um ônibus e buscar trabalhadoras em outra cidade do que na Z3 e pelo fato de que a disponibilidade de trabalhadores na Z3, com a prática requerida para o corte adequado dos diferentes pescados, não é grande. No entanto, é preciso considerar que, além do volume maior da oferta de força de trabalho feminina em Rio Grande, a dependência das trabalhadoras do transporte para re-

tornar a sua cidade de origem permite que a empresa as submeta a uma jornada de trabalho estendida.

O fenômeno da migração temporária ou “mobilização espacial precária”(Silva, 2003, p.49), foi constatada pela pesquisa, mostrando que os trabalhadores são impulsionados para deslocamentos constantes em busca de trabalho na condição de trabalhadores excedentes, disponíveis para a oferta da sua mão-de-obra às empresas cujo trabalho é fortemente flexibilizado.

Além da empresa A situada na Colônia de pescadores, outros 12 empreendimentos de pequeno porte, denominados salgas, atuam na intermediação de peixes *in natura* e também no processamento (em filé) do pescado. Juntas, as salgas respondem pelo grosso da oferta de trabalho remunerado no local, principalmente pela oferta de trabalho para as mulheres. A denominação de salgas para essas pequenas empresas vem do fato de que no passado o peixe não era congelado e para fazer o transporte e comercialização era necessário salgar os peixes para conservá-los.

Os salgueiros, proprietários desses empreendimentos, agem como intermediários entre os pescadores e a empresa A, embora também vendam parte da produção para o mercado local. Em época de boa oferta de pescado, outros intermediários provenientes de Rio Grande vêm buscar o produto para atender o mercado daquela cidade.

Se as condições de trabalho são rudes nas empresas melhor situadas no mercado, piores se tornam nas salgas de menor porte. Duas razões são apontadas para isso: tanto pelo fato de serem menos capitalizadas como também porque essas pequenas empresas se situam com maior dependência da “boa” ou “má” safra e das condições de captura feita pelos pescadores artesanais locais, que mesmo realizando a pesca em alto-mar, o fazem com embarcações pequenas, com pouca capacidade, portanto, de apreensão e estocagem do pescado na embarcação.

Não há uniformidade nesses empreendimentos. A grande maioria deles é trabalhada pelo proprietário e seus familiares, residentes na própria comunidade, aos quais são agregados um



ou dois trabalhadores permanentes e de três a quatro trabalhadores temporários durante as safras “magras”, podendo ser ampliado o número em épocas de safra “gorda”, especialmente na do camarão, período em que a atividade econômica na comunidade é mais intensa. Em duas outras safras os proprietários não moram na Z3, e suas empresas contam com quatro trabalhadores permanentes cada, chegando a 30 trabalhadores temporários.

Em geral, essas firmas não possuem trabalhadores com carteira assinada, mesmo para os permanentes. Os trabalhadores são contratados para serviços gerais, o que inclui tanto a limpeza dos pescados, o filetagem, acondicionamento e gelação, quanto a manutenção e higiene da salga e de seus equipamentos.

Como a comunidade pesqueira não possui boa disponibilidade de fornecimento de água potável encanada, a água necessária é retirada da Lagoa, o que significa também o transporte constante dos recipientes cheios entre a Lagoa e o local de trabalho, o que é feito por todos os trabalhadores. Realizado o trabalho nessas condições, e ainda não havendo o fornecimento de roupas e equipamentos adequados, o resultado é que os trabalhadores ficam molhados durante a longa jornada de trabalho de cerca de 12 horas.

A canseira aqui é grande não paga nem o trabalho que tu tens. Nós temos que sair daqui da Z3 para procurar serviço em Santa Catarina. Como doméstica na cidade de Pelotas não pode, ninguém quer pagar o ônibus. O pessoal está indo para Laguna para pescar e as mulheres vão junto. Também o trabalho de rede que as mulheres faziam hoje já não fazem, falta peixe. Operária de salga

Cada trabalhador na salga faz em média de 40 a 60 quilos de peixe limpo por dia, podendo chegar em época de boa safra a 200 quilos de peixe limpo. O pagamento é feito por peixe limpo, variando o valor conforme o tipo de pescado, o que em geral redonda num ganho inferior a um salário mínimo mensal.

Durante as safras, e quando essa é satisfatória, as trabalhadoras conseguem trabalho todos os dias, permanecendo desempregadas o restante do ano. A essas condições somam-se o trabalho desregulamentado nas salgas, os baixos salários e a exaustão pela execução dos trabalhos múltiplos e pesados (na maioria das empresas) o que demonstra ser a industrialização da pesca um espaço de forte segregação ocupacional.

## **5. Considerações finais**

A maioria da população da Colônia Z3 encontra-se numa situação que transita da pobreza relativa para a pobreza absoluta em virtude da exploração a que está submetida e, também, pelo fato de processar sua existência em uma área onde os recursos naturais foram tornados insuficientes para sustentar o modo de vida tradicional e garantir a reprodução social.

Na relação entre trabalho e família, os arranjos domésticos direcionados para atender a manutenção do grupo familiar se diversificam, devendo ser interpretados tanto pelo lado da possibilidade de absorção dos membros da família pelo mercado, no qual se faz sentir o peso seletivo por gênero e idade, como pela alocação dos recursos disponíveis ao grupo familiar que reorganiza e mobiliza seus membros em torno das possibilidades abertas.

Para as mulheres, as oportunidades de ocupação são reduzidas, especialmente para as mais jovens, por ser a pesca considerada uma atividade masculina e pela preferência dos empregadores em recrutar mulheres com mais idade. Esse fato tanto resulta em precarização do trabalho para as mulheres que estão inseridas no mercado, como em segregação para as mais jovens.

As atividades da maioria das mulheres da comunidade, embora no cotidiano se relacionem constantemente à pesca, são vistas como atividades subalternas e complementares à atividade principal dos homens. A desvalorização do trabalho feminino no que tange à pesca e às múltiplas atividades relacionadas que exe-

cutam, são fatores que “naturalizam” a sujeição das mulheres à flexibilização do trabalho nas salgas, e que sofrem no espaço da indústria um forte reforço dessa concepção por parte das gerências. Por outro lado, somam-se dificuldades para que elas possam buscar o trabalho fora da localidade dada a baixa escolaridade e o alto custo das passagens, o que também configura um modo de segregação espacial. Essas condições levam-nas a formar um estoque de trabalhadoras disponíveis para os salgueiros e a indústria, que delas se utilizam a baixo custo, como diaristas, e em condições de trabalho rudes.

## 6. Bibliografia

ABRAMO, Laís. “Imagens de gênero e políticas de recursos humanos na modernização produtiva” In: *São Paulo em Perspectiva*. V.11, n. 1, jan –mar., 1997. p. 110 – 123.

ABREU, Alice Rangel de Paiva. “Mudança tecnológica e gênero no Brasil: primeiras reflexões”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n.35, março, 1993. p.121 – 132.

ALONSO, José Antonio Fialho. *Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul*: causas e perspectivas. FEE: Porto Alegre, 1994.

ANTUNES, Ricardo. “Os caminhos da liofilização organizacional: as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil”. In: *Idéias*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Ano 9 (2) 10 (1), 2002/2003. P.13 – 24. (Dossiê:o avesso do trabalho).

BRUSCHINI, Cristina. “Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). In: Rocha, Maria Isabel Baltar da. *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/ São Paulo: Ed.34, 2000. p. 13 – 58.

HOBSBAWN, Eric. Karl Marx. Formações econômicas pré-capitalistas. Trad. João Maia. Ver. Alexandre Addor, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. (Col. Pensamento Crítico).

POCHMANN, Marcio. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Lorena Holzmann. “Divisão sexual do trabalho”. In: Cattani, Antonio David (org.). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. 2. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro:Vozes, 1997. p. 61 – 67.

\_\_\_\_\_. “Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas”. In: *Sociologias*. Porto Alegre, ano 2, n.4, jul/dez 2000. P.258 – 270. (Dossiê).

VARGAS, Francisco Eduardo B. “A sazonalidade da ocupação em Pelotas: uma análise sobre a indústria de conservas vegetais”. In: *Cadernos do ISP* (n.6), junho 1995. p.61 – 96.

VEIGA, José Eli da. *A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2000.